

## Projeto participativo em assentamentos precários: reflexões e experiência na comunidade Portelinha em Curitiba

*Participatory project in precarious settlements: reflections and experience in the community Portelinha in Curitiba*

*Proyecto participativo en asentamientos precarios: reflexiones y experiencia en la comunidad Portelinha en Curitiba*

HIRAOKA, Danilo Akio

*Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Paraná, danilo.akio@hotmail.com*

MAKOVSKI, Evelyn

*Bacharela em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Paraná, evelynmakovski@gmail.com*

### RESUMO

O presente artigo pretende compreender aspectos relacionados à viabilidade, ao processo e à aplicação de um projeto arquitetônico participativo em áreas de assentamentos precários na realidade brasileira atual. Para tal, utiliza-se primeiramente da leitura de Jacques (2001) acerca da configuração espacial de favelas, de maneira a romper com a visão superficial e formalista dos assentamentos precários e aprender com suas especificidades. A partir desta postura, explora-se a conceituação de projeto participativo no contexto latino-americano, de modo a compreender meios de efetivar a construção de espaços mais inclusivos, bem como o papel do profissional de Arquitetura e Urbanismo nesse processo. A fim de ilustrar algumas possibilidades, este artigo apresentará a experiência do Trabalho Final de Graduação (TFG) de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) de autoria de Evelyn Makovski, intitulado “Qualificação dos espaços livres de uso coletivo da comunidade Portelinha: uma abordagem participativa”, no qual buscou-se trabalhar de forma multidisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVES:** projeto participativo, favela, espaços inclusivos, equipe multidisciplinar, comunidade Portelinha.

### ABSTRACT

*This article intends to understand aspects related to viability, process and application of a participatory architectural project in areas of precarious settlements in the current Brazilian reality. For this purpose, the view of Jacques (2001) about the spatial configuration of favelas is used, in order to break with the superficial and formalistic view of the precarious settlements and learn from their specificities. From this position, the conceptualization of a participatory project in the Latin American context is explored, in order to understand the means to make the construction of spaces more inclusive, as well as the role of Architecture and Urbanism professionals in this process. In order to illustrate some possibilities, this article will present the experience of the undergraduate thesis of Architecture and Urbanism of the Federal University of Paraná (UFPR) authored by Evelyn Makovski, entitled “Qualification of spaces for collective use in the community Portelinha: a participatory approach”, in which it was tried to work in a multidisciplinary way.*

**KEY WORDS:** participatory project, favela, inclusive spaces, multidisciplinary team, community Portelinha.

# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



## RESUMEN

El presente artículo pretende comprender aspectos relacionados con la viabilidad, el proceso y la aplicación de un proyecto arquitectónico participativo en áreas de asentamientos precarios en la realidad brasileña actual. Para esto, se utiliza primero la lectura de Jacques (2001) acerca de la configuración espacial de las favelas, para romper con la visión superficial y formalista de los asentamientos precarios y aprender de sus especificidades. A partir de esta postura, se explora la conceptualización de proyecto participativo en el contexto latinoamericano, de modo a comprender medios de efectivizar la construcción de espacios más inclusivos, así como el papel del profesional de Arquitectura y Urbanismo en este proceso. Con el fin de ilustrar algunas posibilidades, en este artículo se presenta la experiencia del Trabajo de Finalización de Curso de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Paraná (UFPR) de autoría de Evelyn Makovski, titulado “Calificación de los espacios libres de uso colectivo de la comunidad Portelinha: un enfoque participativo”, en el que se buscó trabajar de forma multidisciplinaria.

**PALABRAS CLAVE:** proyecto participativo, favela, espacios inclusivos, equipo multidisciplinario, comunidad Portelinha.



## 1 INTRODUÇÃO

Em assentamentos precários, o sentimento de comunidade cria laços entre moradores e isso se reflete na conformação dos seus espaços públicos, que são construídos pela própria comunidade, sem interferência da esfera pública. Estes espaços são importantes fatores de bem-estar social e tornam-se referência para quem o vivencia. No entanto, são áreas que, em geral, não são alcançadas pela atuação tradicional do arquiteto e urbanista e não possuem suporte técnico apropriado.

Para Lepik (2010, p.12, tradução nossa), “a arquitetura pode ser um instrumento poderoso para afetar a mudança social”; contudo, a arquitetura de qualidade, que vai além dos requisitos mínimos, é rara, principalmente no contexto de assentamentos precários. O autor aponta que mesmo nas organizações engajadas em promover um auxílio relacionado a construções em áreas carentes, a resposta à cultura, o valor estético e a participação comunitária raramente são uma prioridade.

O presente artigo apresenta a possibilidade dos arquitetos e urbanistas de atuarem no desenvolvimento de equipamentos comunitários de forma coletiva, reconhecendo como fundamental a participação ativa da população na construção de seu próprio espaço. Não se pretende apresentar um manual de ações, mas sim incitar uma reflexão com o apoio de referenciais teóricos e de uma experiência de projeto participativo, com a finalidade de auxiliar ações em outros locais.

## 2 CONFIGURAÇÃO DAS FAVELAS

Para interferir na favela, é necessário compreender como ela se configura. Também, que as favelas “[...] construídas por não-arquitetos, são uma arquitetura” (JACQUES, 2001, p.11). Segundo Jacques, a arquitetura vernácula, com uma estética própria, é justamente o que a diferencia da arquitetura erudita. É imprescindível então a busca de um referencial teórico a fim de respeitar e aprender com as especificidades da favela.

Para Jacques (2001), a favela em si constitui-se espaço-movimento. Ela não está ligada somente ao espaço físico, mas principalmente ao percurso, à experiência de percorrê-lo e ao seu movimento de transformação. O espaço-movimento está ligado diretamente, portanto, aos seus atores que o percorrem e o transformam: os moradores. Estes não são habitantes passivos, pelo contrário, são atores, coautores e participantes.

Neste contexto, a autora propõe três figuras conceituais – o fragmento, o labirinto e o rizoma<sup>1</sup> – que não pretendem ser figuras formais, mas sim explicar os processos de transformação deste espaço-movimento. Em suma, “os barracos das favelas são compostos de fragmentos; a aglomeração de barracos forma labirintos; estes, por sua vez, se desenvolvem na cidade como rizomas” (JACQUES, 2001, p.15). Essa classificação ajuda a compreender a favela e sua formação espontânea, que a difere da morfologia tradicional da cidade em que os arquitetos e urbanistas estão habituados a interferir.

Se, ao intervir em favelas, busca-se a preservação da identidade e de sua especificidade estética, é necessário conservar o espaço-movimento. E o único modo de patrimonializar o que se move é justamente deixar que ele se movimente (JACQUES, 2001). A autora sugere a atuação por meio de microintervensões que possam seguir os fluxos naturais do espaço-movimento da favela. Estas intervenções mínimas devem respeitar e preservar as características fragmentárias, labirínticas e rizomáticas da favela, que as diferem da cidade tradicional, sem impor a lógica da arquitetura e do urbanismo eruditos. Para que isso se efetive, deve-se proporcionar “[...] a participação ativa do habitante/cidadão na construção do seu próprio espaço/cidade, como ocorre em diferentes níveis nos espaços-movimento” (JACQUES, 2001, p.150).

### 3 PROJETO PARTICIPATIVO E O PAPEL DO ARQUITETO

Lana (2007) define projeto participativo, de forma sucinta, como um projeto arquitetônico em que o usuário participa do processo projetual, sendo que este possui um papel ativo no processo, sem, contudo, se tratar de uma coautoria de projeto.

Para Pronsato (2005), a participação é uma condição ambígua. Ressurgida no Brasil no final do século XX, a participação funcionava como instrumento de controle, buscando-se o consenso popular e beneficiando os interesses da classe dominante. Por outro lado, um projeto participativo pode permitir a mobilização de setores excluídos e a luta por transformações sociais mais profundas.

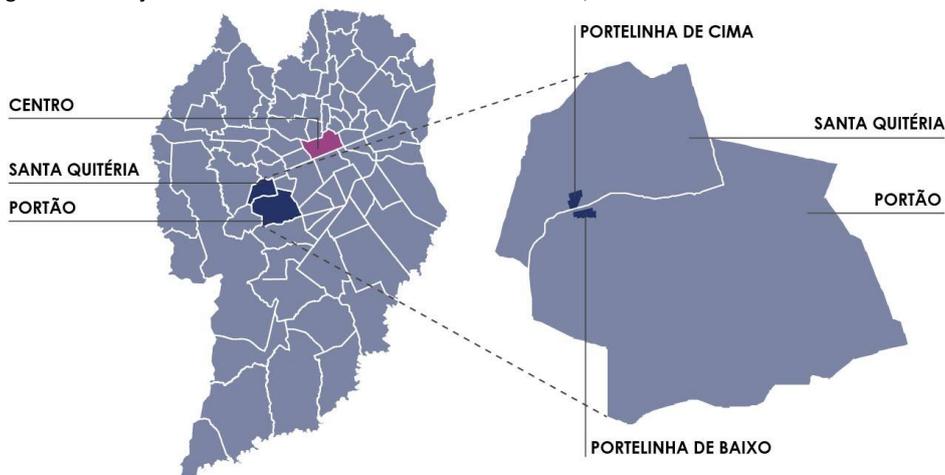
Sobre o papel do arquiteto no processo projetual, Pronsato aponta que a visão atualmente mais aceita pelos arquitetos ainda é a de sobrevoos, baseada no positivismo racionalista. Desse modo, as pessoas são vistas mais como objetos do que como sujeitos subjetivos com quem se pode travar um diálogo e uma troca.

Assim, para que a participação se efetive, é necessário rever o papel do arquiteto dentro do processo projetual, estando consciente de que permitir a discussão democrática e a participação criativa de todos os seus integrantes possibilita a identificação das pessoas com o objeto arquitetônico projetado (PRONSATO, 2005). Na participação realmente ativa, o projeto em questão está necessariamente ligado à vida das pessoas envolvidas, gerando assim “ambientes legíveis, significativos e integrados ao cotidiano” (PRONSATO, 2005, p.121).

#### 4 ESTUDO DIRIGIDO À COMUNIDADE PORTELINHA

O Trabalho Final de Graduação<sup>ii</sup> (TFG) de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) intitulado “Qualificação dos espaços livres de uso coletivo da comunidade Portelinha: uma abordagem participativa” (MAKOVSKI, 2018) é uma experiência de projeto participativo para intervenções pontuais na comunidade em questão, na qual buscou-se trabalhar sempre que possível de forma multidisciplinar.

Figura: Localização da Portelinha e dos bairros Santa Quitéria, Portão e Centro na cidade de Curitiba



Fonte: IPPUC (2016), adaptada por Makovski, 2018.

A comunidade Portelinha é uma ocupação irregular situada nos bairros Santa Quitéria e Portão, na cidade de Curitiba. É dividida em duas partes – Portelinha de cima e Portelinha de baixo. A ocupação teve início em 2001 e desde 2007 está no processo de luta pela regularização e por condições dignas de moradia (MOB, 2018). Ali atuam o Movimento de Organização de Base (MOB) e a ONG TETO. Conforme levantamento realizado pelo TETO em setembro de 2017, a Portelinha possui 132 moradias e 481 moradores dentro de uma pirâmide etária bem heterogênea – com exceção dos idosos, que são minoria. Desta forma, há muitas crianças e adolescentes.

Figura: Maquete eletrônica da Portelinha e entorno



Fonte: Moro (2018), adaptada por Makovski, 2018.

Figura: Imagem aérea com demarcação da Portelinha e das áreas não edificáveis



- rio
- - - rio canalizado
- · - área não edificável - APP
- - - área não edificável - alta tensão

Fonte: Google Maps (2018), adaptada por Makovski, 2018.

Há alguns equipamentos comunitários ao longo da ocupação. O principal está localizado na Portelinha de baixo: uma associação de moradores utilizada para atividades diversas. Em frente à associação há o parquinho.

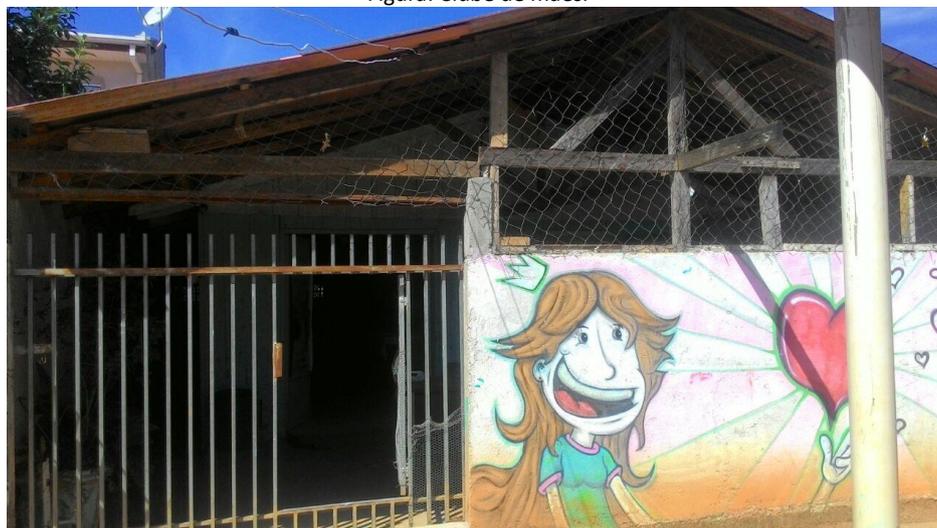
Figura: Associação de moradores e parquinho.



Fonte: Libert, 2018; Makovski, 2018.

Na Portelinha de cima está o clube de mães, edificação pertencente à Igreja Católica que ocupa o espaço de uma casa. Ali ocorrem atividades religiosas, cursos de artesanato e reuniões dos moradores, visto que nesta parte da comunidade não há uma associação própria.

Figura: Clube de mães.



Fonte: Makovski, 2018.

Figura: Imagem aérea com demarcação dos equipamentos comunitários.



- 1 clube de mães
- 3 associação e parquinho
- 2 galpões reciclagem
- 4 lixeira comunitária

Fonte: Google Maps (2018), adaptada por Makovski, 2018.

Além dos dados sociais e de infraestrutura, o TETO também levantou, através de entrevistas, os sonhos dos moradores. Além da menção a questões sociais, foram citados pontos relacionados à situação física da comunidade, principalmente infraestrutura básica e espaços de lazer.

Figura 10: Sonhos dos moradores.



Fonte: TETO (2017), adaptada por Makovski, 2018.

Todos estes dados quantitativos e qualitativos cedidos pelo TETO, juntamente com as primeiras impressões apreendidas em algumas visitas à comunidade, auxiliaram no entendimento do contexto do local – como um caminho de ida e volta para o embasamento teórico – além de ser o início do vínculo com os moradores, que se estreitou no processo de projeto propriamente dito.

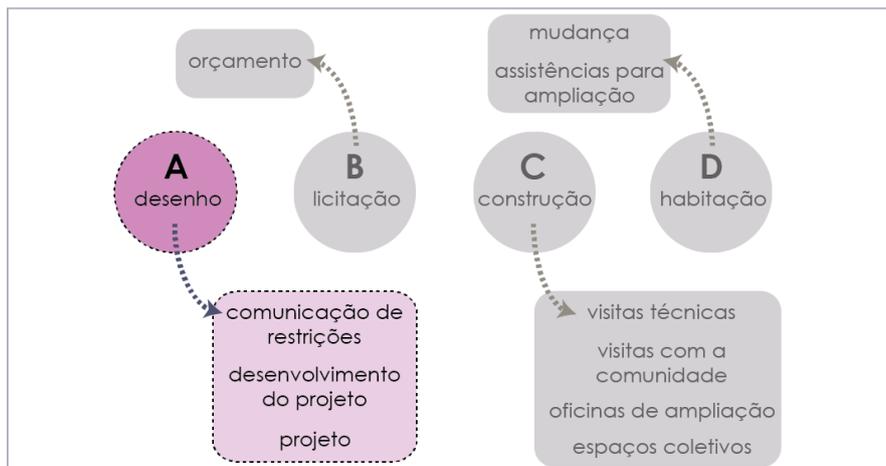
### **Princípios para o processo de projeto**

Anteriormente ao início do projeto participativo com a comunidade, foram definidos princípios e um método para o processo de projeto que viria a ser desenvolvido na segunda etapa do TFG. Considerando a favela um espaço-movimento que possui sua identidade e especificidade estética, o princípio dominante foi a preservação desta característica. A atuação foi pensada em pequenas intervenções que respeitassem as características próprias da comunidade, tanto em termos materiais quanto sociais. Para que isso se efetivasse, foi prevista a apresentação constante do projeto arquitetônico para as lideranças e moradores.

A execução do processo participativo foi estruturada em passos. Para isso, tomou-se como base os métodos do Elemental<sup>iii</sup> (dentro da fase A - desenho) e do Manual de Ações Urbanas Comunitárias da CODHAB<sup>iv</sup>.

Figura: Método de projeto participativo utilizado

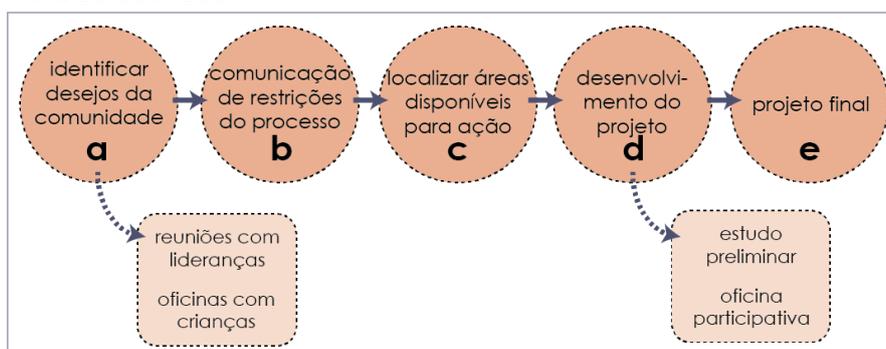
Método Elemental



Método Manual de Ações Urbanas Comunitárias



Método adotado



Fonte: Makovski, 2018.

Há uma distância entre o conhecimento popular e o conhecimento especializado dos arquitetos. Lana (2007) aponta a necessidade de fornecer meios de acesso aos códigos de representação para que seja possível uma contribuição popular efetiva, sem que o projeto, a princípio participativo, seja apenas uma forma de manipulação para legitimar as decisões do arquiteto.

Para Guedes (2018)<sup>v</sup>, o papel do arquiteto é de informar, por meio do uso de interfaces acessíveis. O projeto técnico precisa ser aberto e aceitar modificações para ser utilizado como uma ferramenta participativa.

Figura: O papel do arquiteto e do projeto técnico segundo Guedes  
QUAL O PAPEL DO ARQUITETO E URBANISTA?

Informar	x	Impor
Utilizar interfaces	x	Utilizar linguagem técnica
Facilitador	x	Dono do projeto

QUAL O PAPEL DO PROJETO TÉCNICO?

Informar	x	Seduzir
Aberto	x	Fechado
Ferramenta	x	Produto

Fonte: Makovski, 2018.

Aravena e Iacobelli (2016, p.454, tradução nossa), defendem o uso de maquetes para a fase de desenvolvimento do projeto arquitetônico, apontando que para a discussão de propostas “são particularmente úteis as maquetes, mesmo que sejam abstratas”.

### Processo de projeto participativo

No início da segunda parte do TFG, momento prático do trabalho, a principal dúvida acerca da continuidade das atividades com a comunidade estava relacionada ao tempo hábil para fazer o projeto, restrito ao semestre acadêmico. Desta forma, propôs-se um cronograma pensado do fim do semestre para o início, planejando encontros semanais com os moradores e algumas semanas extras caso houvesse imprevistos.

Figura: Proposta de cronograma.

### Projeto de equipamento comunitário para a Portelinha

Trabalho Final de Graduação

#### Cronograma

**29/07** - reunião de apresentação da proposta + restrições

**05/08** - reunião de identificação de desejos + restrições (toda a comunidade)  
> definição de representantes da comunidade para as próximas etapas

**12/08** - definição do que será o projeto e a área necessária \*dia dos pais\*

**19/08** - localização de áreas disponíveis

**26/08** - oficina com as crianças

**02/09** - reunião para desenvolvimento dos projetos

\*feriado\*

**16/09** - reunião para desenvolvimento dos projetos

**23/09** - reunião para desenvolvimento dos projetos

\*pré-banca\*

**28/10** - reunião final com últimas correções

\*banca final\*

Fonte: Makovski, 2018b.

#### *29/07 - encontro 1: proposta inicial e identificação de desejos*

Foi apresentada a proposta para as lideranças comunitárias. A ideia de um cronograma rígido deu lugar a um planejamento a menor prazo, respeitando o grande número de atividades que acontecem na comunidade.

Compareceram apenas dois moradores, Dida e dona Margarete, lideranças com as quais já havia um contato das visitas iniciais. Com algumas ideias para o projeto apresentadas por eles, abriu-se a discussão para a comunidade.

#### *09/08 - encontro 2: identificação de desejos e comunicação das restrições para a comunidade*

O projeto participativo foi inserido como uma pauta em uma reunião da associação de moradores. A proposta foi explicada novamente e foram discutidas novas ideias: uma associação de moradores com rádio comunitária para a Portelinha de cima e um parquinho e uma cozinha para a associação da Portelinha de baixo.

Luan – estudante de direito e membro bastante ativo do MOB –, participou desta e de reuniões seguintes facilitando a comunicação com a comunidade e o planejamento de futuras ações. Este encontro também marca o início da participação da Katrin, estudante de arquitetura e urbanismo que auxiliou principalmente nos registros fotográficos.

### 13/08 - encontro 3: oficina de desenho com as crianças

Após a sugestão de um parquinho na parte de cima da comunidade, foi organizada uma oficina de desenho com as crianças a fim de compreender o repertório delas em relação a esses espaços e os desejos delas para com o projeto. O tema da oficina foi “onde vocês brincam e onde gostariam de brincar?”. Participaram 11 crianças e, como equipe multidisciplinar Katrin, a pedagoga Claudirene e a estudante de design Cíntia.

Antes de começarem a desenhar, as crianças tiveram contato com a maquete do entorno da comunidade com o relevo e as casas feitas de EVA. Elas identificaram as ruas e suas casas, além de sentir a textura do material. Também aconteceu uma roda de conversa em que se discutiu qual era a função do arquiteto e urbanista e a finalidade da oficina.

Figura: Maquete do entorno.

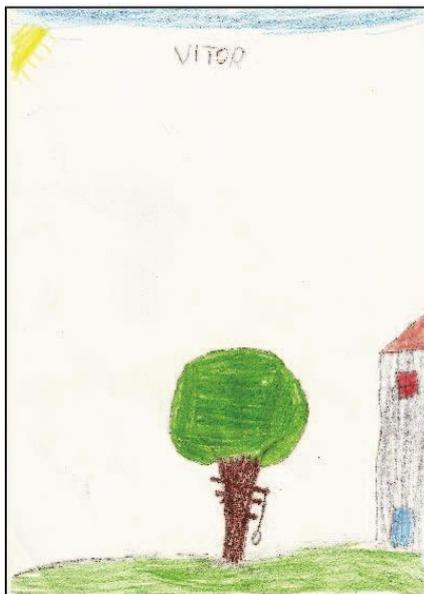
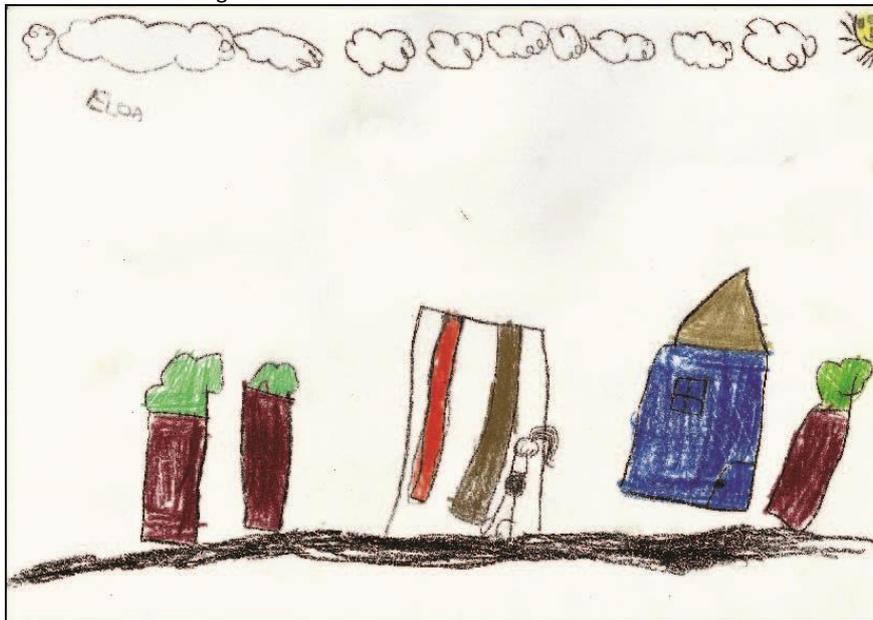


Fonte: Libert, 2018.

Os primeiros desenhos sobre “onde vocês brincam?” contêm parquinhos de escolas, árvores e o parquinho em frente à associação de moradores na Portelinha de baixo.



Figura: Desenhos da oficina: onde vocês brincam?



Fonte: Makovski, 2018b.

Um desenho em especial merece destaque. Nele, Kevelyn desenhou o parquinho e seu entorno, apresentando sua percepção do espaço urbano: sua comunidade é onde a vida acontece. Suas brincadeiras ocorrem onde há cor, árvore, casa, chão de terra. Dali para frente, só existe o asfalto. Não há mais nada nem ninguém na rua formal.

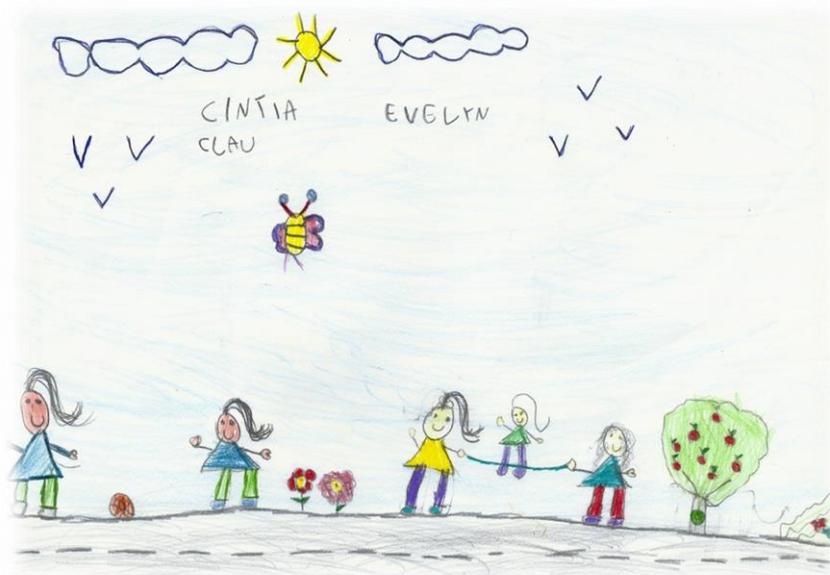
Figura: Desenho feito por Kevelyn.



Fonte: Makovski, 2018b.

Posteriormente, nos desenhos sobre “onde vocês gostariam de brincar?”, foi identificada novamente a preferência pela brincadeira ao ar livre.

Figura: Desenho da oficina: onde vocês gostariam de brincar?



Fonte: Makovski, 2018b.

#### 19/08 - encontro 4: definição do programa de necessidades e do local do projeto

Várias sugestões foram apresentadas pelos moradores, inclusive pelas crianças, mas ainda não estava decidido o que seria o projeto de fato. Neste encontro, Dida e Luan definiram ampliar a

associação de moradores para construção de uma cozinha e uma sala para as crianças. Após a conversa, iniciou-se a etapa de levantamento do local disponível, com medidas e registros fotográficos.

Figura: Associação de moradores e espaços disponíveis para ampliação.



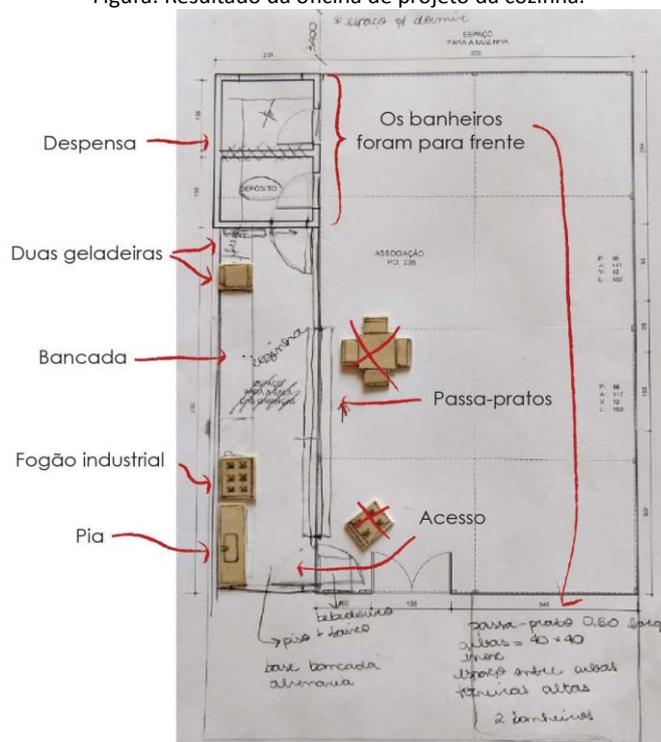
Fonte: Libert, 2018.

#### 27/08 - encontro 5: oficina de projeto da cozinha

Embora estivessem escolhidas as finalidades dos novos espaços, não existia o programa de necessidades detalhado que, em conjunto com o estudo preliminar da cozinha, eram os focos deste encontro com os moradores.

Sentados em roda, com a planta baixa da associação desenhada em escala e um kit mobiliário, deu-se início ao projeto. O kit mobiliário consiste em peças de EVA de móveis e eletrodomésticos em planta, útil para facilitar o pensamento participativo de organização do espaço e traduzir a linguagem técnica do projeto arquitetônico. Esse método foi muito bem aceito e, coletivamente, as necessidades foram expostas e os móveis posicionados.

Figura: Resultado da oficina de projeto da cozinha.



Fonte: Makovski, 2018b.

As mulheres presentes tomaram a iniciativa para projetar, com sugestões dos homens, que também mediram os eletrodomésticos da casa onde a atividade foi feita para servir de parâmetro.

Figura: Oficina de projeto da cozinha.



Fonte: Libert, 2018.

O resultado dessa atividade foi montado posteriormente em uma maquete desmontável de papelão.

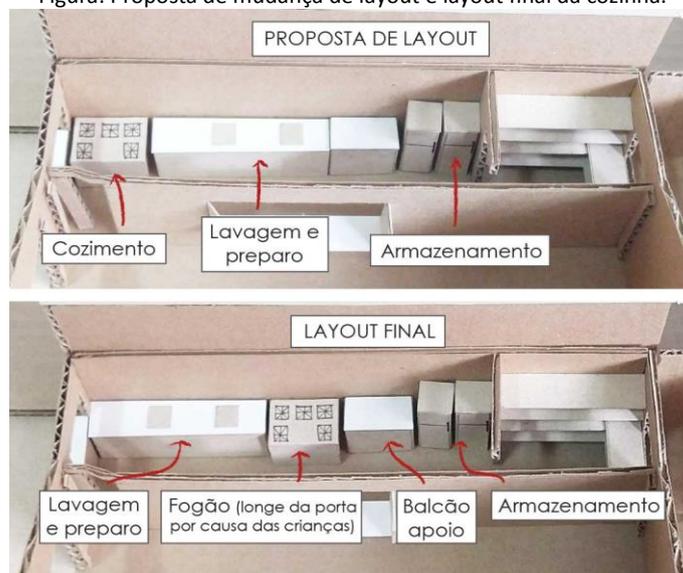
15/09 - encontro 6: conversa sobre o projeto da cozinha

No mês de setembro foi muito difícil marcar encontros, remarcados seis vezes por conta de outros compromissos dos moradores. Quase três semanas depois da oficina de projeto da cozinha, uma reunião foi marcada para discutirmos alterações. Por conta de vários imprevistos, apenas o Dida compareceu. Foi possível conversar um pouco, mas seria inadequado tomar decisões de projeto sem a presença das mulheres envolvidas - que, segundo os moradores, seriam as principais usuárias do espaço.

02/10 - encontro 7: reunião final sobre a cozinha

Na presença dos moradores e com a maquete em mãos, propôs-se uma mudança de layout. Houve discordância da equipe com as moradoras e também delas entre si, mas chegou-se em um consenso.

Figura: Proposta de mudança de layout e layout final da cozinha.



Fonte: Makovski, 2018b.

Optou-se por deixar algumas questões para serem decididas diretamente na obra - muitas coisas fogem do controle do projeto, principalmente neste caso em que a obra depende de doações.

Figura: Reunião final sobre a cozinha.



Fonte: Libert, 2018.

#### 20/10 - encontro 8: oficina de maquete para a brinquedoteca

Finalizado o projeto da cozinha, havia pouco tempo disponível para finalizar a sala das crianças e a apresentação do TFG. Contudo, era necessário compreender o desejo delas para um ambiente fechado, assunto não apreendido na oficina de desenhos. Isso ocorreu através de uma oficina de maquete com o tema “como vocês gostariam que fosse uma sala para brincar?”, com bloquinhos de madeira, fita crepe, uma base de papelão e material de desenho.

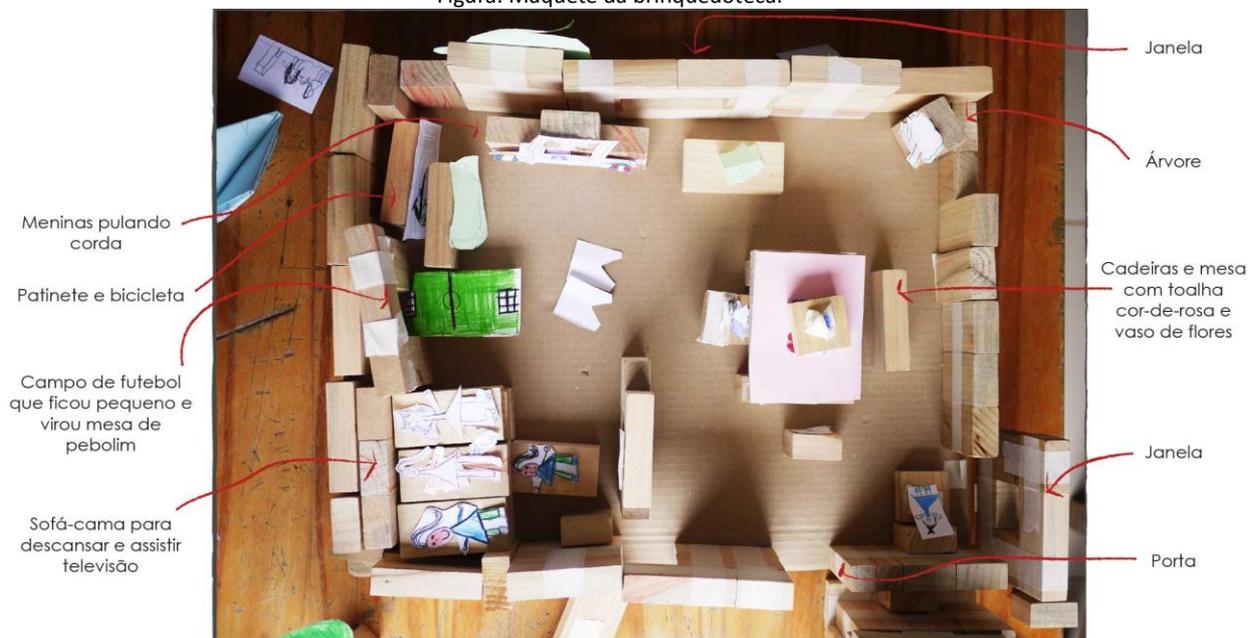
Figura: Oficina de maquete para a brinquedoteca.



Fonte: Libert, 2018.

O processo foi espontâneo, sem muitas instruções. Surgiram paredes, portas e janelas, depois o mobiliário.

Figura: Maquete da brinquedoteca.

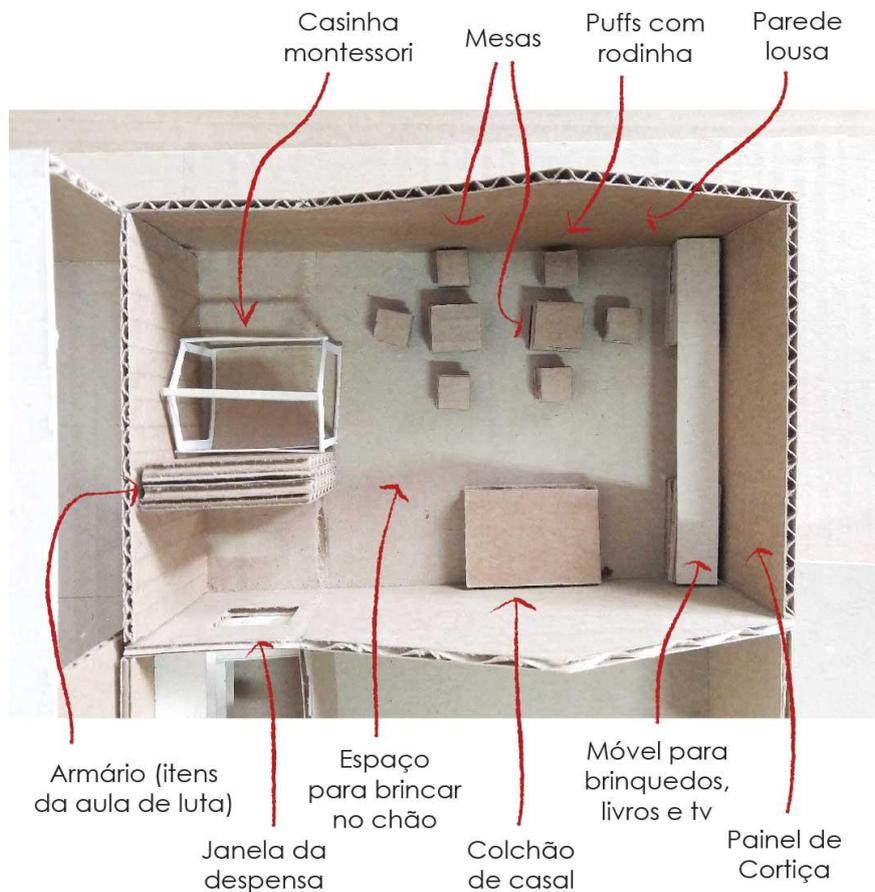


Fonte: Libert, 2018.

### 06/11 - encontro 9: reunião final sobre a brinquedoteca

Identificada a demanda das crianças, juntamente com o auxílio da Laressa, psicóloga, e da Claudirene, pedagoga, foi preparada uma proposta de projeto para a brinquedoteca, representada novamente através de uma maquete com móveis soltos. Apenas três moradoras compareceram nessa reunião final, mas elas se relacionam muito com as crianças da comunidade. Com a maquete, imagens de referência dos móveis e registros da oficina, a proposta foi discutida.

Figura: Proposta de layout para a brinquedoteca.



Fonte: Makovski, 2018b.

Muitas ideias de execução do projeto foram apresentadas pelas moradoras, bem como sugestões de alteração de layout. Essa reunião encerrou os encontros sobre o projeto.

# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Figura: Reunião final sobre a brinquedoteca.



Fonte: Hiraoka, 2018.

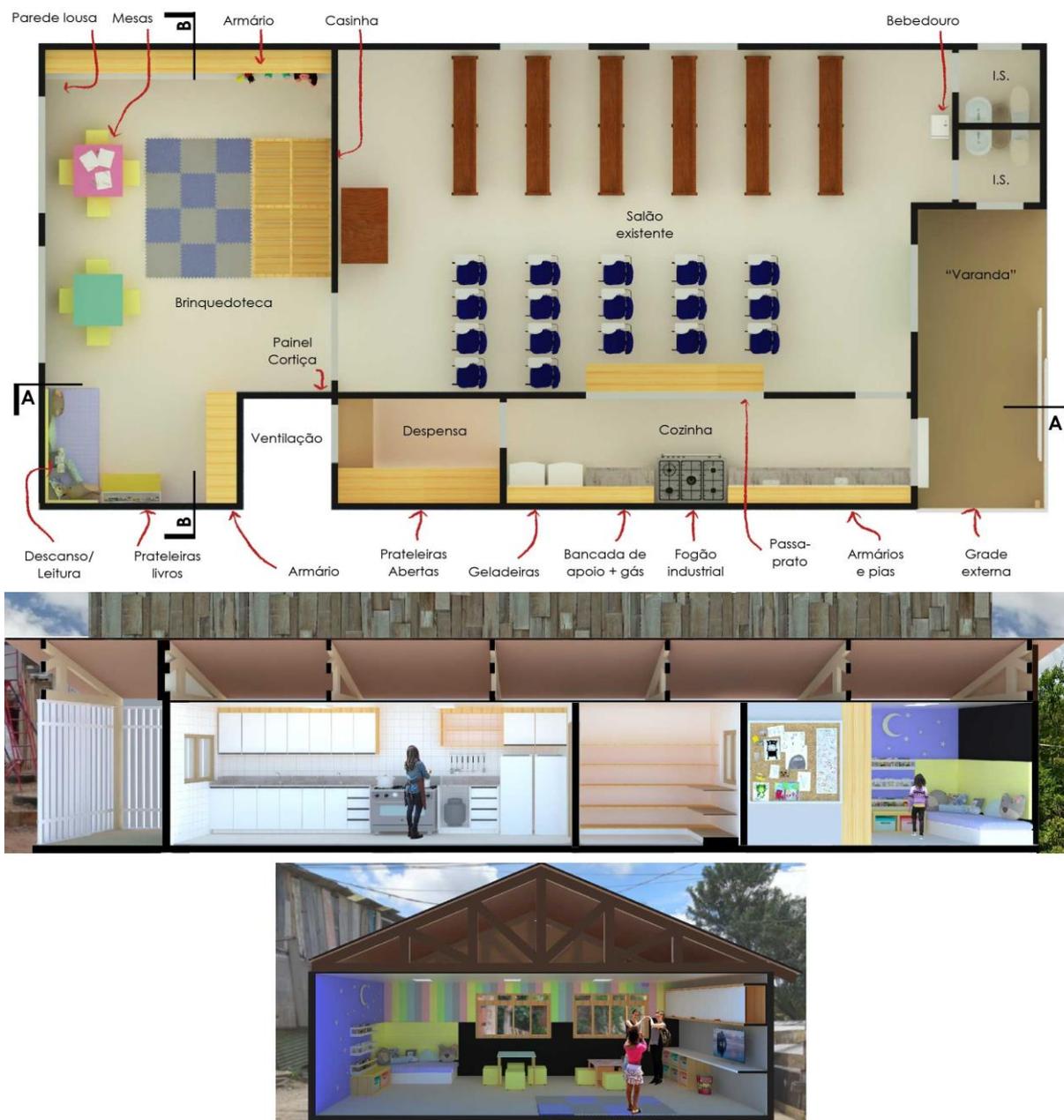
As imagens seguintes mostram o resultado do projeto.

Figura: Representação digital do projeto final.



Fonte: Makovski, 2018b.

Figura: Projeto final.



Fonte: Makovski, 2018b.

Como de costume no fazer arquitetônico, o prazo influenciou o resultado. Pronsato (2005) já apontava que, tendo em vista que o processo participativo de projeto é mais complexo que o tradicional, ele demanda mais tempo. O final do processo foi o período mais crítico de participação, porém o resultado apresentado dentro do semestre letivo foi muito bem avaliado pelos moradores.

# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



O maior ganho da experiência apresentada foi o aprendizado mútuo, da equipe multidisciplinar e dos moradores, e a expansão da atuação dos profissionais de arquitetura e urbanismo. É importante não colocar a equipe de projeto como a única responsável pelo resultado: os moradores da Portelinha já eram muito organizados e ativos na busca pelo direito à cidade; o processo de projeto os empoderou ainda mais ao identificar alternativas para execução de um espaço com qualidade e significado, dentro de um contexto de escassez de recursos.



**PROJETAR**  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PERCEPÇÃO DO  
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFPR



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PLANEJAMENTO URBANO



UFPR  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE  
POSITIVO

## 5 CONCLUSÃO

Se, ao projetar, o objetivo for responder de forma adequada às necessidades e à cultura das pessoas beneficiadas com o projeto, o método participativo de projeto é o meio mais assertivo. É de fato um processo complexo, com diversas variáveis, e exige abertura e disposição do arquiteto e urbanista e da comunidade envolvida. Contudo, não haverá suposições de um profissional a partir da perspectiva de sobrevoo, e sim o envolvimento das pessoas que irão de fato utilizar o espaço apresentando diretamente suas demandas e anseios, com um projeto bem adaptado a cada realidade.

Deve-se compreender que projetos participativos não podem ser encarados como caridade por parte da equipe envolvida. Também, há que se fugir da dualidade paternalismo versus personalismo, na qual a primeira opção propõe uma resposta simples às solicitações e aos desejos dos usuários e a segunda responde somente aos anseios formais e programáticos do próprio arquiteto (PRONSATO, 2005). Idealmente, a participação deve estar inserida em políticas públicas, como nos casos utilizados como base para desenvolvimento do método aplicado na Portelinha – CODHAB e Elemental.

## 6 REFERÊNCIAS

ARAVENA, A. IACOBELLI, A. *Elemental: manual de vivienda incremental y diseño participativo*. Ostfildern: Hatje Cantz, 2016.

CODHAB. *Manual de ações urbanas comunitárias*. Brasília, 2016.

GUEDES, C. *Palestra Assistência técnica e a experiência do Arquitetura na Periferia*. Curitiba, 08/06/2018.

HIRAOKA, D. A. *Portelinha*. Fotografias digitais, 2018.

IPPUC. *Ocupações irregulares*. Curitiba: IPPUC, 2016. Disponível em: <[http://www.ippuc.org.br/visualizar.php?doc=http://admsite2013.ippuc.org.br/arquivos/documentos/D353/D353\\_036\\_BR.pdf](http://www.ippuc.org.br/visualizar.php?doc=http://admsite2013.ippuc.org.br/arquivos/documentos/D353/D353_036_BR.pdf)>. Acesso em: 06/05/2018.

JACQUES, P. B. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

LANA, S. M. *O arquiteto e o processo de projeto participativo: o caso do RSV*. 180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LEPIK, A. Building on society. In: LEPIK, A. (Org). *Small scale, big change: new architectures of social engagement*. Nova Iorque: Sing Cheong, 2010. p. 12-16.

LIBERT, K. *Portelinha*. Fotografias digitais, 2018.

MAKOVSKI, E. *Construção coletiva de requisitos para equipamentos comunitários: um estudo na comunidade Portelinha em Curitiba*. 82 f. Monografia (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) – Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018a.

MAKOVSKI, E. *Qualificação dos espaços livres de uso coletivo da comunidade Portelinha: uma abordagem participativa*. Trabalho Final de Graduação (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) – Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018b.

MOB. *Núcleo Portelinha-Nova Santa Quitéria*. Disponível em: <<https://organizacaoedebase.wordpress.com/nucleos/nucleo-portelinha/>>. Acesso em 25/05/2018.

MORO, D. *Maquete eletrônica da Portelinha e entorno*. Imagem digital, 2018.

PRONSATO, S. A. D. *Arquitetura e paisagem: projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

SANTOS, E. O. *Processo de projeto colaborativo em arquitetura*. 2014. 115f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

TETO. *Levantamento de dados da comunidade Portelinha*. Curitiba, 2017. Não publicado.

<sup>i</sup> O conceito de rizoma inserido pela autora se baseia nos princípios de Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentados no livro *Mille Plateaux*, de 1980.

<sup>ii</sup> O TFG de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, com duração de 1 ano, tem como produto final o projeto de uma intervenção arquitetônica, urbanística ou paisagística e é composto de duas partes. No primeiro semestre, é produzida a monografia – embasamento teórico que contém a conceituação do tema, estudos de caso, definição do lugar de intervenção e diretrizes projetuais. O segundo semestre é voltado para o desenvolvimento do projeto, com a obrigatoriedade de representação gráfica no final do processo.

<sup>iii</sup> O *Elemental* é um escritório de arquitetura chileno fundado em 2001 com foco em projetos de interesse público e impacto social. O método estudado foi o utilizado em seu projeto de maior destaque: o trabalho com a comunidade Quinta Monroy, na cidade de Iquique, no Chile. Foram construídas casas para cem famílias através de uma abordagem incremental – através do programa Chile Barrio, o Ministério da Habitação e Urbanismo subsidiou parte das obras e o restante foi construído pelas próprias famílias.

# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



<sup>iv</sup> A Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB) desenvolveu o Manual de Ações Urbanas Comunitárias que reúne projetos de qualificação urbana que, em conjunto com a comunidade, são realizados por sua equipe de Assistência Técnica. Eles ocorrem através de mutirões, em que, além dos moradores, participam voluntários sociais e técnicos. O manual aponta as etapas necessárias para execução dos projetos segundo quatro eixos de atuação: revitalização de fachadas; mobiliário urbano; arborização e plantio de hortas e jardins; e galeria de arte urbana.

<sup>v</sup> Arquiteta do coletivo Arquitetura na Periferia, que promove assessoria técnica para grupos de mulheres de baixa renda.



**PROJETAR**  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PERCEÇÃO DO  
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFPR



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



**UNIVERSIDADE  
POSITIVO**